

ESPECIAL MEGAWHAT

Brasil e Portugal: *Lições de um mercado de energia livre*



EDITORIAL

Passados 200 anos da independência do Brasil de Portugal, hoje os dois países são aliados internacionais, e trabalham juntos em diversas frentes de negócios, entre eles, o de energia.

Nos dias 30 de novembro a 2 de dezembro de 2022, a **MegaWhat** participou de uma série de encontros que aprofundaram esse relacionamento. Parte do conhecimento gerado nesses dias e trazido para o Brasil será antecipado neste especial, que terá sua edição completa publicada em fevereiro de 2023.

INO EVEx Lisboa 2022, evento organizado pelo investigador científico - e entusiasta da energia - Caio César Cavalcanti, nossa equipe trocou informações e aprendeu mais sobre Portugal, que tem um mercado de energia pequeno quando comparado ao brasileiro, porém totalmente livre.

Não éramos os únicos brasileiros no local: a Associação Brasileira dos Comercializadores de Energia (Abraceel) reuniu um grupo de mais de 40 pessoas, entre associados e convidados, incluindo Ministério de Minas e Energia, Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) e congressistas, para conhecer de perto do Mercado Ibérico de Energia Elétrica (Mibel), que abrange Portugal e Espanha.

No EVEx, nossa CEO, Larissa Araium, e os jornalistas Camila Maia e Rodrigo Polito participaram de painéis sobre os desafios da abertura dos mercados, seus resultados, a transição energética e os efeitos da guerra na Ucrânia, além da economia do hidrogênio e as oportunidades das novas tecnologias.

Também estiveram presentes executivos de empresas brasileiras e portuguesas, como EDP, Cemig, Galp, Norte Energia e Comerc, assim como advogados, especialistas e autoridades.

As trocas foram enriquecidas com a agenda paralela da Missão Mibel. Na sede da EDP, aprendemos sobre os desafios da empresa, que era monopolista na distribuição, com a abertura do mercado de energia para todos. Na Entidade Reguladora dos Serviços Energéticos (Erse), conhecemos mais sobre a estrutura do mercado de energia português, o Mibel, e o papel das casas que oferecem plataformas de negociação para produtos energéticos. Participamos ainda de uma rica conversa com Ricardo Nunes, presidente da Associação de Comercializadores de Energia no Mercado Liberalizado (Acemel), que contou que alguns consumidores estão voltando para o mercado cativo, em busca de preços menores - e isso é possível porque é um mercado totalmente livre, centrado nos consumidores.

Esta edição é uma prévia. O especial Brasil e Portugal: Lições de um mercado de energia livre completo, com entrevistas com os principais executivos ibero brasileiros, será lançado no início de 2023

Boa leitura!

Equipe Editorial MegaWhat



Painéis do EVEx, com a participação de executivos e especialistas do setor
Fotos: Guilherme Guillis

EVEX LISBOA 2022

PORTUGAL: UM MERCADO LIVRE NA CRISE EUROPEIA

O Mercado Ibérico de Energia (Mibel), que contempla Espanha e Portugal, começou a ser aberto em novembro de 2001, com a assinatura de um protocolo entre os governos dos dois países. O mercado entrou em funcionamento em junho de 2007, e trouxe alterações significativas no desenho de mercado, com a liberalização da geração de energia e do mercado atacadista, além da criação de operadores responsáveis pela gestão dos mercados de curto prazo em cada país.

Gradualmente os limites de migração foram reduzidos, em um movimento contrário ao visto no Brasil. No lugar de permitir a migração do cativo para o livre, o Mibel tornou obrigatório que consumidores com determinada tensão passassem, aos poucos, a serem atendidos apenas pelo mercado livre. As tarifas reguladas foram sendo extintas, com exceção do baixa tensão residencial, que teve o seu fim adiado algumas vezes, e, pelas regras vigentes, vai até 2025.

Isso significa que, se a regra não for novamente alterada, a partir de 2025, todos os consumidores deverão obrigatoriamente estar no mercado livre, atendidos pelas comercializadoras. O Comercializador de Último Recurso (CUR), equivalente ao supridor de última instância em debate no Brasil, ainda terá uma tarifa regulada definida pelo governo, mas só vai atender os clientes que ficarem sem suprimento por razões específicas, como a falência de uma comercializadora.

A adesão dos consumidores ao mercado livre foi lenta até 2008, mas ganhou força a partir de 2012, quando o mercado residencial entrou no jogo. Em agosto de 2022, cerca de 93% do consumo de energia de Portugal estava no mercado livre de energia. Entre os consumidores residenciais, eram 86,5% do total, enquanto 99,6% dos grandes consumidores estavam neste mercado. O consumidor pode comparar os preços

ofertados pelas diferentes casas e escolher de quem comprar a energia.

As crises dos últimos anos, primeiro do covid-19 e, mais recentemente, com a invasão da Ucrânia pela Rússia, resultaram num cenário de alta expressiva dos preços de energia na Europa, o que não foi diferente no Mercado Ibérico. Como as comercializadoras não precisam ter contratos de longo prazo para garantir as vendas aos consumidores, houve um aumento nos preços no mercado livre e, com isso, um movimento de retorno desses consumidores ao mercado regulado. Segundo informações da Erse, o número de clientes não mudou no último ano, mas a fatia do mercado livre caiu de 95,1% para 93,4% do consumo de energia de Portugal. Entre os consumidores residenciais, a fatia de consumo no mercado livre caiu de 88,9% para 86,2%.

De janeiro de 2021 até agosto de 2022 - dado mais recente disponibilizado pela Erse -, deixaram de operar no mercado livre português as comercializadoras Ecochoice, ENAT Energias, HEN, PH Energia, Rolar Viva e SPRDLUX Energia. Seus clientes não foram penalizados. Enquanto não escolhem um novo supridor, têm o fornecimento garantido pelo CUR, e pagam a tarifa regulada.



Eduardo Teixeira, diretor de Mercados e Consumidores da Erse, faz apresentação para Missão da Abraceel. Foto: Abraceel

EVEX LISBOA 2022

A crise também causou forte instabilidade no setor energético da Europa. Como a interligação elétrica da Península Ibérica e o restante do continente é limitada, os governos de Portugal e Espanha cooperaram no desenho de um mecanismo para desacoplar o preço do gás natural do Mibel. O mecanismo permite fixar um preço de referência para o gás consumido para a geração de energia, ajudando a "amortecer" os danos nos preços aos consumidores - os preços serão repassados em algum momento.

Ao mesmo tempo, o governo português permitiu que os consumidores regressem ao mercado regulado de gás, tendo sua tarifa definida pela Erse. Para as comercializadoras de gás, a notícia foi considerada ruim, pois abriu "rombos" nos contratos firmados. Além disso, os preços regulados não refletem os de mercado, no qual essas empresas operam, tornando difícil sua sobrevivência. A mudança é temporária, e como os consumidores poderão ficar no regulado até o fim de 2025, há a expectativa que até lá os preços internacionais do gás tenham se estabilizado.

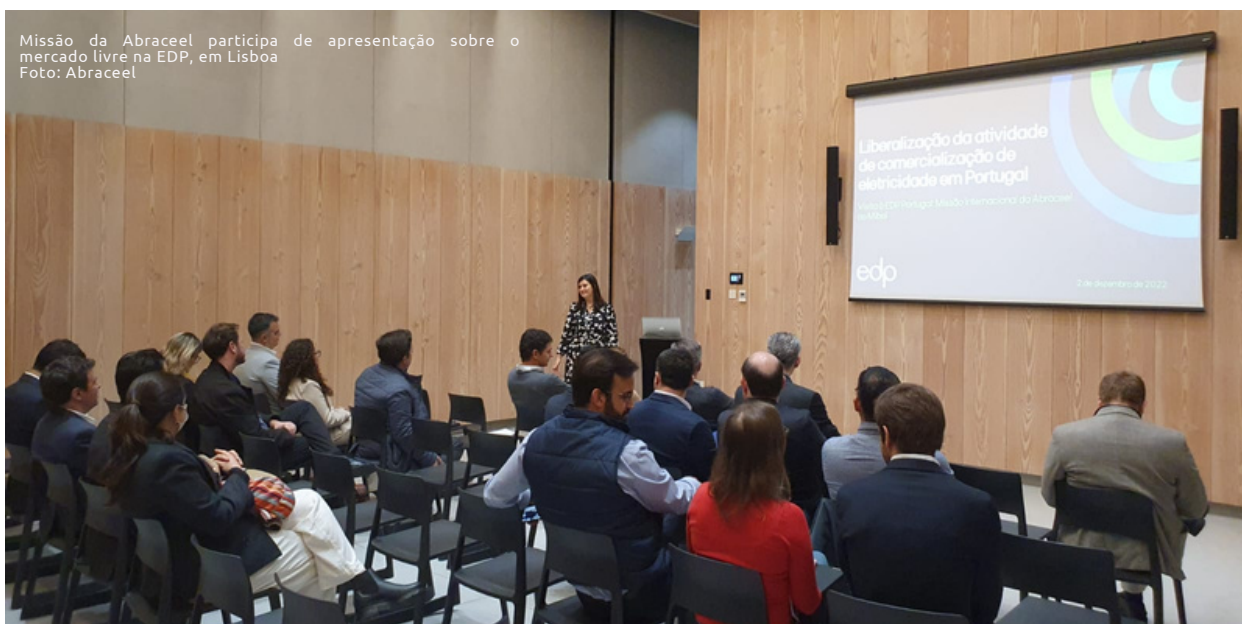
As bolsas de energia

A união com a Espanha foi fundamental para dar liquidez ao mercado português, que tem as negociações financeiras apartadas das físicas.

Enquanto Portugal tem cerca de 6 milhões de consumidores, uma capacidade instalada de 20,4 GW e uma carga na ponta de 8,9 GW, a Espanha tem 24 milhões de consumidores, 105,2 GW de capacidade instalada, e uma carga na ponta de 40 GW. Mesmo combinados, os mercados são menores que o Brasil, com sua carga de 70 GW e seus quase 200 GW de potência instalada.

Além da liquidez, a criação do Mibel é tida como fundamental para a melhora dos procedimentos de operação dos dois mercados, com desenvolvimento e reforço da capacidade de interligação entre os países.

Os 30 milhões de consumidores do Mibel representam cerca de 10% do consumo europeu, com 306 TWh de consumo anual. Os negócios financeiros ficam divididos entre três bolsas: a OMIE, que é a maior, negocia o mercado de curto prazo, com negócios diários e intradiários, dá os preços de referência e permite ajustes de posições. No mercado futuro, existe a OMIP, no qual os agentes fazem a cobertura dos riscos de preço, com a negociação de contratos futuros e opções, tendo o preço futuro de energia como subjacente. A Omiclear é a contraparte central, a câmara onde são compensados os contratos das duas outras bolsas. Tanto a OMIP quanto a Omiclear são supervisionadas pela Comissão de Mercado de Valores Mobiliários (CMVM), o regulador do mercado de capitais português.



Missão da Abraceel participa de apresentação sobre o mercado livre na EDP, em Lisboa
Foto: Abraceel

EVEX LISBOA 2022

COMO FUNCIONA O MERCADO LIVRE DE ENERGIA EM PORTUGAL?

- Quem cobra a conta de luz é a comercializadora: é ela a ponta final que recebe do consumidor e repassa o custo da energia, transporte e impostos aos demais elos da cadeia.
- Aos olhos do consumidor, a única contraparte é a comercializadora.
- O consumidor tem um canal digital com a distribuidora se quiser aumentar a potência contratada.
- O risco de inadimplência fica com o comercializador, que cobra sua fatia e a dos outros.
- O mercado livre de Portugal abriu sem a instalação massiva de medidores inteligentes, mas hoje eles predominam e a sua instalação é responsabilidade das distribuidoras. Os custos da instalação entram na tarifa.
- Onde não há medidor inteligente, a leitura do consumo é feita semestralmente por um leiturista, e nos outros meses é feita por estimativa.
- Quase não há falhas no fornecimento de energia, e furtos de energia são desconhecidos.
- A tarifa social é paga pelas empresas do setor.
- A margem do comercializador varejista é apertada.
- A comercializadora com mais de 100 mil clientes não pode se recusar a fornecer a um consumidor.
- A tarifa do incumbente ou do Comercializador de Última Instância (CUR) reflete a previsão dos custos futuros de energia.
- Não há desverticalização.
- Privatizada em 2000, a EDP ainda é a maior distribuidora do país, única que atua em todas as faixas de consumo.



Foto: Manuel Costa/Unsplash

ENTREVISTA

LIVRE OU REGULADO, MERCADO DE ENERGIA DEVE TER FOCO NO CONSUMIDOR

O mercado livre de energia no Brasil foi criado em 1995, quando havia a expectativa de abertura a todos os consumidores em 2003. O racionamento de energia de 2001, contudo, mudou o jogo, e mais de 20 anos depois ainda se discute no governo um cronograma para que todos os consumidores possam escolher de quem comprar a energia.

O presidente da Associação Brasileira dos Comercializadores de Energia (Abraceel), Rodrigo Ferreira, tem liderado estes esforços, e trouxe da visita ao Mercado Ibérico de Energia (Mibel) lições e ideias que poderão ser implementadas no país. A crise pela qual toda a Europa passa, e que tem levado consumidores a buscarem de volta as distribuidoras e as tarifas reguladas, não assusta o especialista, que enxerga isso como um movimento de curtíssimo prazo. "O mercado cativo está mais competitivo por artificialidade do modelo regulatório", disse Ferreira à **MegaWhat**.

Segundo o executivo, um destaque do Mibel é que ele é focado estritamente no consumidor, e não em interesses setoriais. Lá, o supridor de última instância funciona plenamente, e a competição favorece os consumidores, apesar de ser um mercado relativamente pequeno quando comparado ao Brasil. "Aqui, diferente do que aconteceu lá, a competição no momento inicial vai pegar fogo", aposta.

Confira os destaques da entrevista:

MegaWhat: Qual o principal aprendizado da Missão ao Mercado Ibérico de Eletricidade (Mibel)?

Rodrigo Ferreira: Acho que o principal aprendizado é como é possível desenvolver um mercado com foco estritamente no consumidor.



Rodrigo Ferreira, presidente da Abraceel, participa de painel do EVEx em Lisboa
Foto: Guilherme Guillis

Desde o marketing dos produtos, concepção, preço, nos pareceu de forma muito clara que o consumidor lá é realmente o foco do negócio de energia como um todo, o que é diferente no Brasil - o foco está nos interesses setoriais etc.

Outra coisa interessante que ficou latente é a importância de sair do Brasil para conhecer novas soluções. O Brasil é um país muito grande, com corpo técnico muito grande, antigo e enraizado, e com isso acabamos esquecendo que o mundo trata das mesmas questões que a gente. Se a gente analisar bem, mercado de energia é um só no mundo todo, a tecnologia disponível para todos no momento. Uns conseguem acesso mais rápido e outros vão levar mais tempo em função de legislação, regulação, mas o mercado é um só. Saímos do Brasil em função disso e voltamos com mais certeza de que precisamos fazer isso de forma periódica, pelo menos uma vez por ano, para conhecer mercados internacionais, além de promover encontros digitais, já que o mundo digital tem a vantagem de discutir temas a distância.

MegaWhat: O mercado livre de energia brasileiro foi criado em 1995, mas após o racionamento de 2001 o movimento de abertura perdeu força e não aconteceu até agora. Em Portugal, o mercado livre totalmente aberto existe, mas a crise atual, motivada pela guerra na Ucrânia, causou uma disparada nos preços e muitos consumidores estão voltando para o mercado cativo. Como evitar que esse problema se repita no Brasil, quando o mercado livre finalmente for aberto a todos?

Rodrigo Ferreira: Precisamos entender o que está acontecendo lá. A Europa está vivendo um momento de força maior, tem uma guerra acontecendo no continente e essa guerra envolve um combustível que é o gás, amplamente usado, o que causa transtorno de preço. É algo que acontece agora, mas não vai durar para sempre. O que acontece é que alguns consumidores, uma parte pequena, estão respondendo ao sinal de preço de curtíssimo prazo. Isso é importante para mostrar como uma parcela dos consumidores, de fato, reagem aos preços. O que acontece é que, em função da guerra e da explosão do preço, o mercado incumbente [equivalente ao cativo no Brasil], com as tarifas decididas uma vez por ano, está com a tarifa mais competitiva que o mercado livre. É uma tarifa regulada que foi definida antes da piora da crise, não capturou o momento e por isso está mais competitiva. Alguns consumidores, com liberdade de ir e vir, estão reagindo ao sinal de preço e voltando para a tarifa mais barata que no momento é a do regulado. Ela está mais barata pelo teto regulatório, e não por ser mais competitiva. Provavelmente, quando a tarifa for revisada, essa distorção vai acabar.

O consumidor está respondendo ao sinal de preço de curto prazo, alguns têm apetite, têm essa velocidade, e estão respondendo, mas o mercado cativo está mais competitivo por artificialidade do modelo regulatório. É importante ter liberdade para passar por esses momentos, e eles têm.

MegaWhat: Podemos criar algum tipo de obrigação para os comercializadores que vão atender o consumidor residencial, como contratação de longo prazo, para evitar problemas assim no Brasil?

Rodrigo Ferreira: Mercado é mercado, não podemos criar um mercado livre que seja regulado. Mercado é mercado, vai pela competição. Alguns fornecedores vão fazer contrato de longo prazo, outros vão comprar no mercado de menor prazo, alguns vão fazer mix disso, alguns vão vender a própria geração... É daí que vem a competição. Se você falar onde e como ele deve contratar, inibe a competição. Cada casa define sua estratégia comercial.

MegaWhat: Em Portugal, existe o incumbente, que é o comercializador regulado, que na prática é quase o mesmo que o Comercializador de Último Recurso (CUR), que no Brasil chamamos de supridor de última instância. Quais aprendizados vocês trouxeram dessas figuras?

Rodrigo Ferreira: Lá o incumbente funciona. Sete empresas [comercializadoras] realmente faliram desde a criação do mercado, e duas que precocemente eles colocaram em monitoramento. O supridor de última instância está sendo feito no resto do mundo, é simples de fazer, o distribuidor local tem a capacidade de exercer a atividade, e depois pode ser atividade concorrencial. Não tem mistério, as soluções estão postas, isso funcionou na Europa inteira. A crise toda evidencia, é claro, uma fragilidade ou outra, mas evidencia também muita coisa boa, e o incumbente é uma delas.

MegaWhat: Em Portugal, o mercado livre de energia ainda é dominado pela EDP, que era a distribuidora monopolista do país. No Brasil, comercializadoras independentes terão chance no mercado de varejo? Quais os desafios?

Rodrigo Ferreira: Portugal é um mercado muito diferente, um mercado pequeno, são 20 GW instalados e a EDP exercia o monopólio em todo o território, aqui não é assim. Já há competição, já há potencial competição na medida em que existem sete grandes grupos de distribuição espalhados pelo Brasil. Não sei se os grupos de distribuição têm tanta vantagem, porque vai depender essencialmente da qualidade das empresas que estiverem prestando serviço. Por exemplo, empresas que não tenham uma boa avaliação por parte dos consumidores não terão vantagem competitiva quando o mercado abrir.

MegaWhat: A partir das conversas com a Associação de Comercializadores de Energia no Mercado Liberalizado (Acemel), o que a Abraceel trouxe aos seus associados?

Rodrigo Ferreira: Temos um movimento para criar uma Associação Íbero Americana de Comercialização, já assinamos com a Cier [Comissão de Integração Energética Regional, composta por países das Américas do Sul, Central e Caribe, com a missão de promover a integração entre os países-membros] e percebemos que seria interessante a Acemel estar conosco. O que conversei com o Ricardo [Nunes, presidente da Acemel] foi sobre a assinatura de um memorando de entendimentos pra continuarmos trocando informações. Eles também têm interesse em descobrir coisas do nosso mercado. Para qualquer player do mercado português que queira vir ao Brasil, a Abraceel vai dar o apoio, fazer as boas-vindas a essa empresa. Da mesma forma, se um associado nosso tiver interesse em ir ao Mercado Ibérico, eles vão facilitar e apresentar o mercado. Já estamos fechando o memorando.

MegaWhat: Na Europa, existe o sonho "um só preço", que não é possível pela falta de interligações. No Brasil, os limites de submercado também impedem um PLD único em todo o país. Essas restrições podem impedir o avanço do mercado brasileiro?

Rodrigo Ferreira: O consumidor não vai precisar entender o funcionamento do mercado para comprar energia. Esse é justamente o papel dos comercializadores, que compram e vendem energia, que administram riscos, e oferecem serviços na relação de aquisição de energia por parte dos consumidores. GSF, risco de submercado, de contraparte, de mercado, todos serão responsabilidade dos comercializadores, que vão criar as soluções necessárias. O Sistema Interligado Nacional (SIN) é um facilitador da abertura no Brasil, se tivéssemos vários sistemas isolados, seria mais difícil criar produtos nacionais. Como é interligado, o risco será administrado pelo comercializador.

MegaWhat: No Mercado Ibérico, há diversos critérios robustos de segurança, até por serem países membros da União Europeia. No Brasil, ainda estamos discutindo o aprimoramento da segurança do mercado com a CCEE e a Aneel. Como avançar nesse tema?

Rodrigo Ferreira: Nossa visão é que o mercado brasileiro é muito seguro. Passamos por pandemia e crise sem problemas no mercado livre. O que eles fazem lá agora é um pouco do que já fazemos, a bilateralização do risco resolveu os problemas no Brasil porque as casas tiveram que investir em autogestão de risco, que é o melhor dos mundos. Não tenho que ter ninguém administrando o risco por mim. Eu sei que estando exposto à certa contraparte eu vou pagar as consequências. Tanto que a inadimplência das comercializadoras no mercado de curto prazo é ridícula. O que a Abraceel está interessada é em aumentar o monitoramento da exposição dos agentes, principalmente a alavancagem, tentar entender o nível de exposição de cada agente. Queremos criar um indicador padrão que as empresas possam usar e publicar os parâmetros de nível de exposição no curto prazo. Isso é importante pra aumentar a liquidez. Hoje, como as casas têm que fazer gestão de risco, elas operam com poucas contrapartes. Se você tiver um indicador e souber o nível exposição de todas as casas, isso vai aumentar a liquidez no mercado. Lá, eles não entregam os contratos para o governo, eles usam uma clearing house, uma entidade privada que administra os riscos do setor.

MegaWhat: Enquanto o Mibel tem três clearing houses, o Brasil ainda não tem nenhuma...

Rodrigo Ferreira: Essa é uma atividade de risco que deve ser exercida pela iniciativa privada, alguém precisa enxergar valor em registrar os contratos e assumir a responsabilidade de fazer o acerto financeiro com as contrapartes. Qualquer problema, a clearing house paga o risco, é uma solução de mercado. Não dá para dizer que precisamos de uma no Brasil. Precisar, precisa, mas quem vai fazer? Não podemos obrigar ninguém e o governo não pode fazer isso. A CCEE vai fazer com que dinheiro, se ela é mantida pelos agentes? Ela vai correr risco com o dinheiro dos agentes? Não faz sentido. Em algum momento, alguma entidade financeira pode ver a oportunidade do negócio. Nós temos o mercado de derivativos, e uma das bandeiras da Abraceel para 2023 é desenvolver e ampliar o mercado de derivativos. Temos contratos na BBCE e na B3, mas ainda de forma tímida. É perfeitamente possível que com esse mercado a gente possa separar o físico do financeiro.

Foto: Guilherme Guillis



Renata Rosada, diretora de Programa da Secretaria-Executiva do Ministério de Minas e Energia, palestra no painel de abertura do EVEx

Foto: Guilherme Guillis



Jorge Sousa, presidente da Associação Portuguesa de Economia da Energia, debate com Frederico Rodrigues, vice-presidente da Abraceel, e Franklin Miguel, diretor de Regulação e Comercialização da Norte Energia

Foto: Guilherme Guillis



A advogada Maria João Rolim, personalidade homenageada no EVEx 2021 e Caio Cavalcanti, fundador do evento, premiam as personalidades do EVEx 2022: Reynaldo Passanezi, presidente da Cemig, e Teresa Ponce de Leão, presidente do Laboratório Nacional de Energia e Geologia de Portugal

Foto: Guilherme Guillis



Ricardo Nunes, presidente da Acemil, palestra em painel com Larissa Araiium, CEO da MegaWhat, Rodrigo Ferreira, presidente da Abraceel, e Christopher Vlavianos, fundador e chairman da Comerc Energia

Foto: Guilherme Guillis



Discussão sobre os efeitos da guerra na descarbonização conta com Miguel Setas, conselheiro da EDP, Rodrigo Vilanova, vice-presidente de Energia da Galp, Camila Maia, jornalista da MegaWhat, Teresa Ponce de Leão, presidente do Laboratório Nacional de Energia e Geologia, e Reynaldo Passanezi, CEO da Cemig

Foto: Abraceel



Almoço de confraternização reúne a Missão da Abraceel em Lisboa

Foto: Guilherme Guillis



Vista do auditório onde aconteceu o EVEx, na Universidade Nova de Lisboa

Foto: Abraceel



Missão da Abraceel assiste workshop promovido pela Erse



SUSTENTABILIDADE

HIDROGÊNIO DE BAIXO CARBONO DEVE AJUDAR NA DESCARBONIZAÇÃO DAS EMPRESAS

Uma das vertentes da transição energética é o desenvolvimento da promissora indústria de hidrogênio de baixo carbono. A medida faz parte de um conjunto de soluções de baixa emissão de gases do efeito estufa (GEE) considerado para que as petroleiras lidem com a necessidade - para não dizer imposição - de descarbonização de suas atividades, tema discutido durante a edição deste ano do EVEx Lisboa.

Nessa linha, a Agência Internacional de Energia Renovável (Irena) estima que o hidrogênio representará mais de 20% da demanda mundial por energia, em 2050. O cenário é ainda mais intenso na Europa, onde a estratégia para o setor de energia será altamente dependente do hidrogênio verde. Para se ter uma ideia, hoje, 74% das emissões de GEE na União Europeia são provenientes do setor de energia.

De olho nesse cenário, duas das principais empresas de energia de Portugal e da Europa – a Galp e a EDP – integram consórcio de empresas

responsáveis pelo desenvolvimento de um projeto de hidrogênio verde em larga escala na cidade portuária de Sines, no Sul de Portugal. A unidade deverá ser instalada onde funcionava um complexo termelétrico a carvão, desativado no início de 2021. A planta terá uma capacidade de eletrólise de 96 megawatts (MW). Estima-se que a produção de hidrogênio verde no local seja de 9 mil toneladas por ano. Parte da produção será destinada para uma refinaria da Galp na região e o restante será injetado na rede de transporte de gás natural operada pela REN.

Maria João Rolim, sócia do escritório Rolim, Viotti, Goulart, Cardoso Advogados e que participou do Evex Lisboa, destaca que, de acordo com a consultoria BloombergNEF, se os custos continuarem em trajetória de queda, o hidrogênio poderá ser produzido a um valor entre US\$ 0,7 e US\$ 1,6 por kg (um preço competitivo com o gás natural), em 2050. O Brasil pode chegar a um custo de US\$ 1 por kg, em 2030, em linha com os principais polos globais (Estados Unidos, Austrália, Espanha e Arábia Saudita).





MEGACAST
CONVIDA

Potencial do hidrogênio:
*as nuances e a indústria
dessa nova tecnologia*



**Ouçá
agora!**

Junto com a regulação para o desenvolvimento deste mercado, outro desafio para a indústria de hidrogênio é o financiamento. Rolim ressalta que o banco de desenvolvimento alemão KfW lançou uma plataforma para apoiar financeiramente projetos de hidrogênio verde.

Experiências no Brasil ganham forma

No Brasil, a EDP produziu em dezembro de 2022 a primeira molécula de hidrogênio verde no complexo industrial e portuário de Pecém, no Ceará, a partir de uma usina solar fotovoltaica de 3 MW de potência. De acordo com o Complexo do Pecém (CIPP), joint-venture entre o governo do Ceará e o Porto de Roterdã, responsável por gerir e desenvolver o complexo, a produção da molécula é a primeira etapa do desenvolvimento do projeto piloto de hidrogênio da UTE Pecém, e recebeu investimento de R\$ 42 milhões. O projeto envolverá ainda, futuramente, analisar a cadeia produtiva do gás, modelos de negócios, parcerias estratégicas com indústrias e adaptações em mobilidade utilizando o gás hidrogênio.

Com localização privilegiada, inclusive para exportação para a Europa, o porto de Pecém almeja ser um “hub” de hidrogênio no Brasil. Existem hoje projetos que somam 8 gigawatts (GW) de capacidade instalada para a produção de 1,3 milhão de toneladas de hidrogênio verde no local em 2020.

Embora ainda não possua planos específicos para o hidrogênio verde no Brasil, a Galp reconhece o potencial brasileiro, como um dos principais players futuro com custo competitivo de produção.

No âmbito da transição energética, a portuguesa, que iniciou as operações no Brasil no setor de petróleo e gás, com parcerias com a Petrobras, tem hoje uma carteira de 5,4 GW de projetos de fontes solar e eólica onshore no Brasil, adquirida de empresas locais, além de planos de expansão em comercialização de energia elétrica e gás natural no país.

Baterias avançam

Mas talvez um dos projetos mais ambiciosos do grupo português hoje seja a construção de uma fábrica de conversão de lítio em Setúbal, em parceria com a Northvolt. A companhia prevê tomar no início de 2023 a decisão final para o investimento de 700 milhões de euros (cerca de R\$ 3,8 bilhões) no empreendimento.

Com início de operação previsto para 2026, a planta deverá ter capacidade de produção anual inicial de 28 mil a 35 mil toneladas de hidróxido de lítio, material utilizado para a indústria de baterias de lítio. A unidade de conversão de lítio faz parte dos planos da energética portuguesa de desenvolvimento de uma cadeia de valor integrada de baterias de lítio na Europa.



Painel do EVEX discute economia do hidrogênio com: André Pina, Maria João Rolim, Rodrigo Polito e Diogo Almeida
Guilherme Guillis

AGRADECIMENTO AO LEITOR

Desde 2020, experimentamos novas formas de nos relacionar por intermédio dos eventos e videoconferências online que foram de grande valia para trocas de informações e aprendizados. Foi assim que a **MegaWhat** apoiou o EVEx em 2020 e 2021 de forma online, quando estabelecemos uma parceria com Caio Cavalcanti, advogado brasileiro que indo fazer mestrado na Universidade de Coimbra se apaixonou pelo setor elétrico e visionou construir uma ponte de conhecimento entre os países ibero-americanos. Em 2022, pudemos experimentar o encontro presencial nos dias 29 e 30 de novembro em Lisboa.

Isso me fez recordar como encontros presenciais nos forçam a refletir algumas questões sob outra perspectiva. Durante os painéis, ouvimos sobre a crise energética na Europa, que já acompanhávamos na **MegaWhat** desde o início da Guerra da Ucrânia, além da problemática da oferta do gás natural, com desdobramentos na negociação de preços de energia na União Europeia, o impacto inflacionário em bens e produtos com a elevação do custo da energia e as consequências no mercado de varejo de energia em diversos países.

Em novembro, toda decoração de Natal estava preparada nas ruas de Lisboa, mas só seria ligada em dezembro, para economizar energia. O mesmo valia para ar-condicionado e aquecedores de hotéis e lojas, só ligados em caso de extrema necessidade. Uma situação similar vivida aqui no Brasil durante o racionamento de 2001 e bem documentado pelo podcast especial da **MegaWhat** de 2021 ([clique aqui para ouvir](#)).

A ida da Missão da Abraceel, liderada por Rodrigo Ferreira, acompanhado por diversos associados do setor de energia do Brasil, contribuiu muito para o debate sobre o que temos de positivo no mercado de energia brasileiro e os desafios e oportunidades com a energia renovável em um mercado de varejo. A unanimidade nos debates foi considerar o Brasil como um polo para o desenvolvimento de plantas com hidrogênio.

Por último, foi de grande valia poder ouvir debates regulatórios de alto nível, como o conduzido entre o procurador-geral da Aneel, Luiz Eduardo Diniz Araújo, com Filipe Matias Santos, diretor de Serviços Jurídicos da ERSE.

Oferecemos nesse especial um cheiro do que foram esses dois dias de debates; uma versão mais detalhada vai sair no início de 2023.

Espero que tenha tido uma boa leitura!



Larissa Araium
CEO da MegaWhat

EXPEDIENTE

EQUIPE EDITORIAL



Natália Bezutti



Rodrigo Polito



Camila Maia



Poliana Soutto



Jade Stoppa

EXPEDIENTE

Editorial

Natália Bezutti

Camila Maia

Rodrigo Polito

Jade Stoppa Pires

Poliana Soutto

Comercial e Marketing

Paola Lee

Ana Flávia Félix

Paula Alexandrino

Giovanna Zilotti

Miguel Barcellos

CEO

Larissa Araium

Especial MegaWhat - 5ª edição

Dezembro de 2022

Siga-nos nas redes sociais



GOSTOU DESSE CONTEÚDO?

BAIXE A VERSÃO EM PDF!

